

Cenário de expectativas

Jota Alcides

Editor-Chefe

Em cenário mundial de economia quase estagnada, pela primeira vez desde a depressão de 1930, como indicou ontem a Conferência da ONU sobre Comércio e Desenvolvimento, e com a recessão castigando fortemente os Estados Unidos, seria ilusão esperar do Brasil, debilitado e terceiromundista, um desempenho positivo e saudável de sua economia. Mas, pelo esforço e pelo sacrifício dos últimos dois anos, os brasileiros bem que mereciam estar registrando alguma recuperação da crise que atingiu o País na década de 80, considerada perdida.

Entretanto e lamentavelmente, o Brasil está enfrentando os efeitos cruéis de uma recessão profunda e em consequência do furacão político dos escândalos de corrupção dentro do Governo, causando o pedido de impeachment do presidente Fernando Collor, mais problemas são acumulados no âmbito econômico. As incertezas políticas impossibilitam o País enxergar um horizonte de soluções rápidas e eficientes no campo econômico.

Até dezembro, projetam órgãos oficiais de análise econômica, o Brasil terá um índice de desemprego 6,8 por cento superior ao de 1991. Somente São Paulo angustia-se hoje com o drama social de um milhão 300 mil desempregados. E mais **descamisados** estão chegando aos principais centros urbanos, agravando ainda mais a situação. O **deficit** nas contas do Governo pode chegar a 1,3 por cento do Produto Interno Bruto (PIB), o produto da riqueza nacional. A inflação deste setembro deve alcançar os 24 por cento e chegar aos 25 por cento em outubro. Apesar do empenho do Banco Central, o dólar no paralelo, atualmente em Cr\$ 6.400,00, deve saltar para Cr\$ 8.600,00, segundo apostas do mercado financeiro, seguramente mais amadurecido diante de vendavais políticos, mas

nem assim menos dominado por inquietação e ansiedades.

Crescem as especulações e projeções que estimulam novas e pessimistas expectativas. Os consumidores resistem forçadamente ao consumo porque o dinheiro está curto e fogem do crediário por que este é proibido por juros altíssimos. O comércio não renova estoques porque não existe demanda suficiente. Sem demanda não pode aumentar os preços para compensar os custos. Os fornecedores ficam retraídos e baixa a produção no comércio e na indústria. A aceleração inflacionária aciona reajustes de preços na recuperação da margem de lucros. Os empresários sozinhos não podem bancar o reaquecimento da economia e necessariamente prudentes aguardam o desfecho da crise política. Sofrendo queda na receita, de cofres vazios e sem recursos externos, o Governo não faz investimentos e, politicamente frágil, não pode adotar medidas de impacto para reordenamento da economia. Quanto mais demora o impasse, pior para o Brasil e para os brasileiros.

Junta-se a tudo isso a expectativa de um novo choque econômico. Evidentemente, o Governo não tem, hoje, as mínimas condições de apoio político e popular para sustentar uma iniciativa de congelamento. Mas, acontecendo o impeachment, terá que haver uma mudança no rumo da economia. Com o apoio do Congresso Nacional, dos empresários e dos trabalhadores. O governo Itamar Franco, então, poderá estabelecer um acordo em torno de uma política de prefixação de preços e salários para segurar a inflação, resolver os problemas mais emergenciais e programar uma retomada do crescimento. Tudo isso, porém, está dependendo do processo de impeachment extremamente desgastante ao País. O conforto está na esperança do surgimento de um Brasil realmente novo, moral, política e economicamente.